

Teatralidades para infâncias confinadas: jogos, narrativas e outras poéticas virtuais

Charles Valadares Tomaz de Araújo¹
Raysner de Paula Silva²

Submetido em: 10/09/2020
Aprovado em: 14/10/2020

DOI: 10.5965/23580925242020104

1 Doutorando em Teatro na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ator e Professor de Teatro no SEAS-MG.. E-mail: charles.ufmg.valadares@gmail.com

2 Licenciado em Teatro pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ator e Dramaturgo. E-mail: paraoraysner@gmail.com

RESUMO

Este relato de experiência narra, descreve e comenta os caminhos que levaram à criação de um experimento teatral tecno-vivial, vivido junto a crianças com idades entre 07 e 12 anos, a partir de encontros virtuais realizados por videoconferência. Foram propostas práticas criativas vividas coletivamente com grupo de 10 participantes, durante o período de 1 hora. Tais práticas foram pautadas em enunciados fundamentados em exercícios criativos de improvisação, contação de histórias e tiveram como matéria-prima a relação com o brincar. Esta proposta criativa surgiu no contexto de isolamento social, que passou a permear a vida cotidiana, em escala mundial, no ano de 2020. O texto contribui ao desvelar os caminhos inventados e reflexões feitas na direção de uma prática que pense a relação com a criança e uso inventivo da tecnologia.

Palavras-chave: *teatralidade, infância, confinamento.*

ABSTRACT

This experience report narrates, describes and comments about the paths that led to the creation of a technovivial theatrical experiment, experienced with children between the ages of 7 and 12, from virtual meetings held by videoconference. Creative practices were proposed, through statements experienced collectively with a group of 10 participants, during the period of 1 hour. Such statements were guided by the reinvention of proposals that were inspired by theatrical games, improvisation exercises, storytelling practices and had as a raw material the "children relationship with playing". This creative proposal emerged in the context of social isolation, which began to permeate everyday life, on a world scale, in the year of 2020. The text contributes to unveiling the invented paths and some

reflections made towards a creative practice that thinks about the relationship between the child and the creative use of technology

Keywords: *theatricality, childhood, confinement.*

PEQUENO PRÓLOGO SOBRE TEATRO, INFÂNCIA E CRIAÇÃO

Pensar as relações entre teatro e infância na contemporaneidade permeia nossas pesquisas pessoais e parcerias criativas no campo da dramaturgia, criação cênica e pedagogia teatral desde nosso percurso na Graduação em Teatro (2009-2014), realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esse campo de investigação ganhou densidade em nossas vidas desde que conhecemos a professora e pesquisadora Marina Machado, autora de importantes obras no campo do teatro, infância e cena contemporânea³. Sua entrada para o corpo docente da Escola de Belas Artes – UFMG se deu no ano de 2012. Desde então, dialogamos, convivemos e aprendemos com Marina a observar os fenômenos infantis de perto, atitude de “agachamento”: até o chão onde a criança está. A ideia de “agachar-se” é defendida pela autora como gesto metafórico e prático, é uma “atitude de procurar o ponto de vista da criança, de modo a compreendê-la e conversar com ela – mesmo que para apontar outro ponto de vista” (MACHADO, 2015, p. 55). Foi em sintonia com este aprendizado e tentando resignificá-lo, diante do contexto de isolamento social, devido condições impostas pelas medidas sanitárias para contenção da pandemia da Covid-19, que nasceu, entre os meses de abril e junho de 2020, a oficina-experimento “Teatralidades para infâncias confinadas: jogos, narrativas e outras poéticas virtuais”.

³ Para conhecer a obra da autora de forma introdutória indicamos o artigo *Criança é performer* (2010a), o livro *Merleau-Ponty e a educação* (2010b) e seu site-blog www.agachamento.com, onde mantém escritos periodicamente sobre arte, infância e cotidianidade.

DO COMEÇO: PARA SEGUIRMOS VIVOS E CRIATIVOS

Iniciamos a criação da oficina-experimento a partir do convite da Fundação Municipal de Cultura (FMC), da Cidade de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, para que elaborássemos uma proposta que, caso aprovada, faria parte da programação virtual do projeto “Circuito Municipal de Cultura (CMC)”, previsto, anteriormente, para acontecer de forma presencial, ocupando espaços culturais e públicos da região central da capital mineira.

Nos meses de abril e maio de 2020, por meio de reflexões e conversas em aplicativo de comunicação instantânea ou via videoconferência, revezávamos nossas conversas entre três assuntos: a tentativa de elaborar a experiência de confinamento, o acompanhamento da complexa trama política vivida em nosso país e quais gestos artísticos poderíamos propor diante desse contexto para seguirmos criativos, vivos e saudáveis. Foi a partir desse movimento que chegamos às seguintes perguntas: é possível experimentar processos artísticos junto a crianças, a partir do uso criativo de tecnologias, em especial a videoconferência? Como a noção de teatralidade pode ser reinventada e vivida com crianças, a partir do convívio virtual? Como tais experiências possibilitam a elaboração do cotidiano no qual essas crianças estão imersas?

Essas perguntas povoaram nossos pensamentos e as origens dos questionamentos. Relacionam-se à necessidade de isolamento social e ao gosto por pesquisar e elaborar práticas criativas que dialoguem com as infâncias do nosso tempo.

Para desenhar a oficina-experimento proposta, miramos nosso olhar para aquilo que víamos ser ofertado para as crianças que convivíamos, seja como educadores ou em nosso contexto familiar e círculo de amizades. Em termos de produtos culturais em diálogos com as tecnologias das telas, existe uma gama de conteúdos disponíveis em plataformas *online's* e *streaming's*: contação de histórias, clipes musicais, desenhos, jogos virtuais, brincadeiras para realizar em casa, webaula sobre con-

fecção de brinquedos, entre outros. Tais produtos culturais já faziam parte do cotidiano de muitas infâncias e possivelmente o contexto de isolamento possibilitou o aumento desses meios como estratégias de entretenimento. Enquanto esboçávamos nossa ideia para integrar a programação do CMC vimos poucas (ou nenhuma) propostas pautadas em práticas criativas, conectadas ao campo da arte, que propusessem pensar as relações de conectividade com a criança para além da fruição estática frente à tela.

Partindo dessas reflexões, começamos vislumbrar a pertinência de uma proposta que oferecesse rumos distintos das vias comuns às culturas de massa (como as inúmeras *lives* e vídeos de *youtube* que batem recordes de visualização) e que se propusesse ao risco das potências, limitações e complexidades que envolvem as ações artísticas tecnoviviais, principalmente nesse nosso tempo.

TECNOVÍVIO E TEATRALIDADE

Durante a construção desse processo, tomamos emprestado a noção de “Tecnovívio” cunhada pelo historiador teatral e filósofo Jorge Dubatti em palestra realizada na abertura da VI Reunião Científica da ABRACE⁴, em setembro de 2011, em Porto Alegre (RS), intitulada “Teatro, convívio e tecnovívio”, na qual o estudioso discutiu implicações e alternativas enfrentadas pelo fazer teatral, frente às novas mídias e formas de interação humana comuns ao mundo contemporâneo.

Para Dubatti (2012) o teatro é dividido em 3 subacontecimentos: o convívio entre corpos delimitados por um espaço; a *poiésis* (que diz respeito à criação artística) e a contemplação (relacionada à experiência do espectador em relação ao ato teatral). Já as experiências tecnoviviais se traduzem como fenômenos da contemporaneidade, onde as possibilidades de virtualização da presença passam a integrar os modos de interação da

4 Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas (ABRACE), criada em 21 de abril de 1998, em Salvador, Bahia (com apoio do CNPq e do CADCT/ BA).

humanidade em múltiplas esferas da vida. Em entrevista dada ao jornalista Renato Mendonça, Dubatti (2011) afirma que:

O teatro, em sua fórmula básica, não admite a supressão do corpo, o vínculo tecnovivial. Dessa forma, ele já se distingue do cinema, do rádio, da web, das redes óticas (sic) e da televisão. O Teatro não permite a desterritorialização, a desaturatização, a des-historialização da zona de experiência, porque não admite a supressão do corpo. O que é sumamente interessante no Teatro é que, por um lado, sua base está no convívio, no encontro com o outro, no corpo a corpo. É possível haver tecnologização nesta relação — podemos usar televisores ou outros equipamentos. Se o corpo do ator está alterado, fragmentado ou transformado pela tecnologia, mas está presente, o convívio se estabelece. Só não podemos subtrair o corpo do ator, porque então se passa a outro paradigma tecnovivial. (DUBATTI, 2011, p.3-4)

Alimentados por essas contribuições do filósofo que define o teatro também como convívio e lugar de encontro com o outro no mundo, e desejando preservar esta perspectiva, compreendíamos que a proposta de nossa oficina-experimento se pautaria na ideia de “teatralidade”. Entendemos em nosso projeto esse termo como um campo expandido da cena onde nos aproximaríamos, junto às crianças, de elementos comuns à experiência cênica, a partir do convívio virtual e práticas de criação e espetação mediadas pela videoconferência.

Nessa rota, também nos desviávamos do debate que passou a permear a cena teatral, onde se questiona o *status* de experiência teatral das propostas tecnoviviais. Nosso interesse maior foi (e ainda é) nos vínculos afetivos e criativos estabelecidos; na possibilidade de ressignificar as distâncias determinadas pelo isolamento social e no fazer artístico em coletivo, como espaço de elaboração de pensamentos e sentimentos, principalmente junto às pessoas de pouca idade: crianças, que no contexto pandêmico ficaram sem escolas, foram limitadas ao convívio exclusivo com a família e tiveram restrições aos espaços de relação social com seus pares. Isso se pensarmos apenas em crianças que possuem o privilégio de integrarem um núcleo familiar que

consiga oferecer teto, proteção, alimento e um pouco de afeto diante da situação que precarizou ainda mais a condição de muitas vidas que já se encontravam precarizadas.

O CORAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Conscientes do recorte produzido pela experiência via tecnologia e rede virtual, mas movidos pelo desejo de seguir criando ações de micropolítica, a oficina-experimento para o CMC nasceu como projeto intimista. Propusemos a realização de videoconferência com 10 crianças, com duração de 1 hora. Inicialmente, pensamos que o encontro contaria com 20 crianças, porém, ao refletirmos sobre a complexidade, grau de experimentação e qualidade da vivência, optamos pela criação de dois grupos, o que se revelou uma escolha acertada. Optamos também por realizar o encontro em uma plataforma virtual gratuita que, ao nosso ver, possuía manuseio fácil e intuitivo.

A divulgação da proposta foi feita via redes sociais e preenchimento de formulário online, por onde colhíamos informações básicas como: nome dos responsáveis, nome da criança, telefone para contato e e-mail⁵. No descritivo do formulário explicávamos como seria a dinâmica do encontro, sugeríamos algumas possíveis materialidades⁶, informávamos qual a plataforma utilizada para a videoconferência e o recorte etário dos participantes (crianças entre 7 e 12 anos). Apresentávamos também a autorização para uso de imagem, horário e dia do encontro. Orientávamos também acerca de algumas necessidades básicas como o acesso à internet que suportasse a realização de

5 A criação do formulário e divulgação ficou sob a responsabilidade do CMC. Ficamos por conta de criar dois grupos em aplicativo de comunicação instantânea para diálogo com os responsáveis, por onde enviamos os links para a videoconferência.

6 Elaboramos uma lista não obrigatória com base em elementos que julgávamos simples e comuns ao cotidiano de uma casa, tais como: lençol; tecidos de tamanhos diversos; bonés ou chapéus; toalha; balde; pente; touca de banho; colher (de pau); garrafa PET; pregador de roupa; óculos (que pudessem ser usados para brincar) e outros que julgassem interessante para uso e caracterização.

videoconferência e sugeríamos a realização do acesso, se possível, por um computador (notebook ou PC), no intuito de facilitar a visualização e interação do grupo. Outra recomendação dizia respeito à espacialidade e ambiente que oportunizassem à criança viver a experiência sem interferência de ruídos externos à proposta.

Para divulgarmos a proposta chegamos à seguinte sinopse:

Imaginem: um encontro nesse tempo em que se pede para todo mundo ficar em casa! Como poderíamos estar juntas e juntos, mesmo em nossas casas? Já inventaram uma forma, a gente sabe! E se a gente ocupasse esses “lugares virtuais” com um encontro para inventar teatro? Quais teatros poderíamos fazer aglomerados nessas telas (do computador, da tv, do celular ou do tablet) que têm servido como sala de aula, sala de reunião, ou janelas por onde vemos as distâncias serem menos longes? É isso que pretendemos descobrir - através de jogos imaginativos, narrativas e brincadeiras teatrais - nessa vivência virtual para crianças.

Os dois encontros aconteceram no dia 13 de junho de 2020, sábado, sendo o primeiro de 15h às 16h e o segundo de 16h15 às 17h15. Tivemos a participação de dezesseis crianças. Ao estruturar o plano de propostas e criar os enunciados que foram experimentados naquela tarde, ficamos instigados a imaginar formas que brincassem e/ou atribuíssem camadas de ficção à relação com a câmera e com o vídeo.

Abrimos o encontro com um momento de escuta, no qual cada pessoa disse seu nome, sua idade, como ocupava seu tempo e, por fim, perguntávamos: “se a quarentena fosse uma palavra, qual palavra seria?”. Em seguida, realizamos o Jogo das Fotos: nele, enunciaríamos alguns títulos que serviriam como mote para cada criança criar/compor com seu corpo, no seu quadrado na tela, uma fotografia imaginária (corpo/gesto “congelados”). Dentre os títulos que elencamos, havia: “meu primeiro dia de quarentena” / “estou com fome!”. Na sequência, as crianças foram convidadas a inventar os títulos para o grupo criar as fotografias.

Depois, propusemos uma criação compartilhada: “O pano que não queria ser pano...⁷”: Apresentamos para as crianças o

7 Aprendemos e experimentamos esse mote de improvisação com a professora

“pano que não queria ser pano”. Depois, narramos: “era uma vez um pano...” (*nos valemos de um pano – um lençol, uma toalha ou um pedaço de retalho grande – separado anteriormente*) que estava cansado de ser pano! (*manipulamos o pano e mostramos o seu cansaço, a sua insatisfação de ser o que é*). Até que um dia, um vento soprou no seu ouvido um jeito dele se transformar em... (*no que o pano poderá se transformar? Mostre e narre, ainda manipulando a materialidade do seu pano.*) Concluimos contando: até que um dia ele também se cansou de ser... E quem vai contar agora no que ele aprendeu a se transformar será... (*a vez de transformar o “pano” passou por cada criança*).

Por fim, experimentamos com as crianças a proposta de criação que chamamos de “Telejornal do agora”: nele, éramos os apresentadores de um telejornal. As crianças eram repórteres. Cada uma inventava uma notícia para ser apresentada nessa edição e, para compartilhá-la, precisavam nos mostrar: quem eram aqueles jornalistas? De onde cada um/uma falava? Pedíamos às crianças para enriquecerem suas criações fazendo uso criativo dos objetos: no que poderia se transformar cada item separado, anteriormente, enquanto apresentavam a reportagem?

Pelo engajamento das crianças, percebemos a riqueza de uma proposta relacional, rica em teatralidade, ainda que ela seja mediada pela tecnologia. Finalizada a oficina, recebemos relatos de alguns responsáveis nos contando que as brincadeiras propostas por nós durante aquela uma hora haviam continuado. Fomos perguntados por muitas delas, no final do encontro: “quando será a próxima?” Desejosos de que outras oportunidades fossem viabilizadas para aprofundarmos nessa pesquisa e vínculos, nos despedimos.

REMATE

Um dos motivos que guiaram nossos desejos ao empre-

ender a oficina-experimento foi pensar no uso criativo das tecnologias de comunicação em diálogo com o brincar de faz de conta. Inúmeros são os laços que aproximam o teatro dele: a possibilidade de transitar entre tempos e espaços inventados; a mescla entre realidade e ficção; disponibilidade e aderência do corpo em múltiplas ações, entre outras.

O psicanalista D. W. Winnicott (1896-1971) contribui para pensar essa experiência criadora, múltipla, complexa e fundamental na relação da criança com a vida. Em seu livro *A criança e seu mundo* (1979), o estudioso apresenta o brincar da seguinte forma:

A criança adquire experiência brincando. A brincadeira é uma parcela importante da vida. [...] para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. Tal como as personalidades dos adultos se desenvolvem através de suas experiências da vida, assim as das crianças evoluem por intermédio de suas próprias brincadeiras e invenções de brincadeiras feitas por outras crianças e por adultos. Ao enriquecerem-se, as crianças ampliam gradualmente sua capacidade de enxergar a riqueza do mundo externamente real. A brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência. (WINNICOTT, 1979, p.163).

Essa via inventiva de elaborar a existência não é prática inata, é saber adquirido de maneira relacional, com adultos e outras crianças. Nosso desejo maior foi partir de propostas que aguçassem o brincar, no intuito de contribuir com espaços para a elaboração da experiência de confinamento, abrindo também caminhos para o acolhimento e escuta daquilo que estava sendo vivido e percebido. O processo descrito ao longo de todo o texto, apesar de embrionário, aponta para as potências e desafios que merecem ser revisitados e reinventados.

Trilhamos uma via incerta e buscamos modos de dialogar, repensar e questionar esse nosso tempo, sem abrir mão dos princípios que defendemos, calcados na ideia de que teatro é encontro com o outro no mundo, bebendo também das possibilidades das telepresenças como forma de resistir e ressignificar o que está posto.

REFERÊNCIAS

DUBATTI, J. Arte, Convívio e Tecnívio. *In*: CARREIRA, A. L. A. N.; BIÃO, A. J. C; TORRES, W. L. (Orgs.). **Da Cena Contemporânea**. Porto Alegre: ABRACE, 2012. p. 13-35.

MACHADO, M. M. A criança é performer. **Revista Educação e Realidade**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 115-137, ago. 2010a

MACHADO, M. M. **Merleau-Ponty & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b.

WINNICOTT, D. W. Por que as crianças brincam? *In*: **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC, 1979.

WEBGRAFIA

DUBATTI, Jorge. **Entrevista com Dubatti**. 2011. Disponível em: encurtador.com.br/abFGY. Acesso em: 10 de setembro de 2020.

MACHADO, Marina Marcondes. **Só rodapés**: Um glossário de trinta termos definidos na espiral de minha poética própria. 2015. Disponível em: <https://cutt.ly/CfhqWBM> . Acesso em: 10 de setembro de 2020.